



Cinema & Território

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

VOL. 2 | N.º 11 | 2026

AUTORIA VS ALGORITMOS

Sobre a complexidade da temática e formas de a aceitar

António BAÍA REIS, Guida MENDES, Inês REBANDA COELHO & Teresa NORTON DIAS

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt>

DOI: 10.34640/ct11uma2026introducao

ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

Baía Reis, A., Mendes, G., Rebanda Coelho, I. & Norton Dias, T. (2026). Sobre a complexidade da temática e formas de a aceitar. *Cinema & Território*, (11), 11-14. <http://doi.org/10.34640/ct11uma2026introducao>

12 de agosto de 2026



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

Sobre a complexidade da temática e formas de a aceitar¹

A emergência da Inteligência Artificial (IA) no cinema não representa apenas uma transformação tecnológica, antes introduz uma alteração profunda na própria ideia de criação artística, autoria e trabalho cultural. Entre o fascínio pela inovação e o receio da substituição, a indústria cinematográfica encontra-se hoje num território ambíguo, onde convivem entusiasmo, ansiedade e resistência. A IA surge simultaneamente como ferramenta de otimização e como sintoma de uma mudança estrutural mais ampla: a progressiva automatização dos processos criativos e a deslocação do humano enquanto centro absoluto de produção artística.

Neste contexto, importa reconhecer que o cinema sempre foi inseparável da técnica. Desde a montagem soviética à revolução digital, cada avanço tecnológico redefiniu, não apenas as formas de produzir imagens, mas também os modos de perceção, receção e distribuição. Contudo, a inteligência artificial parece inaugurar uma diferença qualitativa: já não se limita a mediar a criação, mas começa a participar nela. Argumentos gerados por modelos preditivos, sistemas de *casting* algorítmico, montagem assistida, vozes sintetizadas, reconstruções faciais e ambientes visuais, criados por IA, colocam em causa fronteiras anteriormente estáveis entre instrumento e autor.

A este respeito, as reflexões de Walter Benjamin [1936] mantêm uma surpreendente atualidade. Em *A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica* (2008), Benjamin alertava para a perda da “aura” da obra perante a reprodução mecânica. Hoje, perante a Inteligência Artificial generativa, essa questão intensifica-se: não estamos apenas perante a reprodução infinita da imagem, mas perante a reprodução do próprio gesto criativo. A IA não copia apenas formas; aprende padrões, simula estilos e reorganiza linguagens. A autenticidade torna-se difusa quando o processo criativo pode ser automatizado, replicado ou previsto.

Também Jean Baudrillard (1991) [1981] oferece um enquadramento pertinente ao pensar a cultura contemporânea como um regime de simulação. Num cinema cada vez mais dependente de imagens sintéticas e realidades fabricadas, a IA radicaliza aquilo que Baudrillard designava como hiper-realidade: um universo em que a representação deixa de remeter para o real e passa a substituir-se a ele. O problema deixa, então, de ser apenas técnico ou estético; torna-se ontológico. O que significa interpretar, criar ou representar quando as emoções, os corpos e as narrativas podem ser artificialmente produzidos?

Talvez uma das tensões menos discutidas resida precisamente, no campo da análise e da reflexão cinematográfica. Muitos investigadores, críticos e estudiosos do cinema demonstram, ainda, uma resistência significativa em reconhecer a Inteligência Artificial como possível ferramenta de trabalho intelectual. Tal resistência nasce, em parte, de um receio legítimo: o de que a automatização empobreça a interpretação crítica, reduza a complexidade hermenêutica ou substitua o olhar humano por respostas estatisticamente organizadas. Existe quase uma defesa ética da subjetividade crítica, como se aceitar a IA implicasse abdicar da sensibilidade, da experiência estética ou da dimensão autoral do pensamento.

Contudo, esta rejeição revela também uma contradição histórica. O pensamento sobre cinema sempre se construiu em diálogo com as tecnologias do seu tempo. A crítica cinematográfica apropriou-se da fotografia, do vídeo, do arquivo digital e das bases de

¹ Texto elaborado com recurso ao IA-ChatGPT

dados, sem que isso anulasse a capacidade interpretativa dos investigadores. Talvez a dificuldade contemporânea resida no facto de a IA já não funcionar apenas, como suporte técnico, mas como sistema capaz de produzir linguagem, organizar conhecimento e sugerir leituras. Isto gera desconforto porque obriga o analista a abandonar uma posição de exclusividade intelectual.

Autores como Nancy Katherine Hayles (1999; 2017) têm precisamente defendido a necessidade de pensar formas de cognição distribuída entre humanos e sistemas computacionais, sem que isso implique a eliminação do pensamento crítico. A questão poderá não ser se a IA substitui o investigador, mas de que modo pode ampliar possibilidades de análise, cruzamento de dados, acesso a arquivos e identificação de padrões culturais invisíveis ao olhar individual. O perigo talvez não esteja na ferramenta em si, mas na forma acrítica como ela é utilizada.

Por outro lado, autores como Byung-Chul Han (2014) ajudam-nos a compreender a dimensão económica e laboral desta transformação. A lógica da eficiência, da produtividade e da aceleração invade agora o espaço artístico e académico. A IA promete reduzir custos, acelerar processos e maximizar resultados, mas essa promessa transporta consigo o risco de precarização das profissões criativas e da uniformização estética. Quando os algoritmos operam a partir de tendências dominantes e padrões estatísticos, a criação tende a aproximar-se da previsibilidade. A originalidade corre o risco de se tornar apenas uma recombinação eficiente do já existente.

Contudo, seria igualmente redutor pensar a inteligência artificial apenas como ameaça. Muitos cineastas, artistas e investigadores têm explorado a IA enquanto dispositivo crítico, performativo e experimental, utilizando-a, não para substituir a imaginação humana, mas para questionar os seus limites. Nesse sentido, talvez o desafio contemporâneo não seja decidir entre aceitação ou rejeição da tecnologia, mas compreender que tipo de relação desejamos estabelecer com ela. A questão central deixa de ser “pode a IA fazer cinema?” e passa a ser: que cinema emerge quando a criação se torna negociada entre humanos e sistemas algorítmicos?

A atual discussão sobre Inteligência Artificial no cinema revela, no fundo, uma inquietação mais vasta acerca da condição humana contemporânea. O debate não diz respeito apenas às máquinas, mas ao valor que atribuímos ao erro, à experiência, à memória, à presença e à subjetividade. Num momento em que a tecnologia parece aproximar-se da capacidade de produzir imagens, narrativas e emoções autonomamente, o cinema volta a confrontar-nos com a sua questão mais antiga: o que significa, afinal, olhar o humano através das imagens?

Referências

- Baudrillard, J. (1991) [1981]. *Simulacros e simulação* (M. J. Costa Pereira, Trad.). Relógio d'Água.
- Benjamin, W. (2008) [1936]. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (F. A. de Moura, Trad.). Relógio d'Água.
- Han, B.-C. (2014) [2010]. *A sociedade do cansaço* (G. L. Encarnação, Trad.). Relógio d'Água.
- Hayles, N. K. (1999). *How we became posthuman: Virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. University of Chicago Press.
- Hayles, N. K. (2017). *Unthought: The power of the cognitive nonconscious*. University of Chicago Press.

On the complexity of the topic and ways of coming to terms with it¹

The emergence of Artificial Intelligence (AI) in cinema represents far more than a technological transformation; it introduces a profound shift in the very notion of artistic creation, authorship, and cultural labour. Between the fascination with innovation and the fear of replacement, the film industry now occupies an ambiguous terrain where enthusiasm, anxiety, and resistance coexist. AI simultaneously appears as a tool for optimisation and as a symptom of a broader structural transformation: the progressive automation of creative processes and the displacement of the human as the unquestioned centre of artistic production.

In this context, it is important to acknowledge that cinema has always been inseparable from technology. From Soviet montage to the digital revolution, each technological advance has redefined not only the ways in which images are produced but also the modes through which they are perceived, received, and distributed. Artificial Intelligence, however, appears to introduce a qualitative difference: it no longer merely mediates creation, but increasingly participates in it. Screenplays generated by predictive models, algorithmic casting systems, AI-assisted editing, synthetic voices, facial reconstruction, and AI-generated visual environments challenge previously stable distinctions between tool and author.

In this respect, Walter Benjamin's [1936] reflections remain remarkably relevant. In *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction* (2008), Benjamin warned of the loss of the artwork's "aura" through mechanical reproduction. Today, in the era of generative Artificial Intelligence, this issue becomes even more acute. We are confronted not merely with the infinite reproduction of images, but with the reproduction of the creative act itself. AI does not simply copy forms; it learns patterns, simulates styles, and reorganises languages. Authenticity becomes increasingly diffuse when creative processes themselves can be automated, replicated, or anticipated.

Jean Baudrillard (1991 [1981]) likewise provides a compelling framework for understanding contemporary culture as a regime of simulation. In a cinematic landscape increasingly dependent upon synthetic images and fabricated realities, AI radicalises what Baudrillard described as hyperreality: a universe in which representation no longer refers to reality but replaces it. The issue therefore ceases to be merely technical or aesthetic and becomes ontological. What does it mean to interpret, create, or represent when emotions, bodies, and narratives can be artificially generated?

Perhaps one of the least discussed tensions lies precisely within the field of film analysis and criticism. Many researchers, critics, and film scholars continue to display considerable reluctance to acknowledge Artificial Intelligence as a legitimate tool for intellectual work. Such resistance stems partly from a well-founded concern that automation may impoverish critical interpretation, reduce hermeneutic complexity, or replace human judgement with statistically generated responses. There remains an implicit ethical defence of critical subjectivity, as though embracing AI necessarily entailed relinquishing sensitivity, aesthetic experience, or the author's intellectual agency.

Yet this resistance also reveals a historical contradiction. Film scholarship has always evolved in dialogue with the technologies of its time. Film criticism has readily appropriated photography, video, digital archives, and database technologies without

¹ Text produced with the assistance of ChatGPT AI.

diminishing scholars' interpretative capacities. The contemporary challenge perhaps lies in the fact that AI no longer functions merely as a technical support but as a system capable of generating language, organising knowledge, and suggesting interpretative pathways. This creates unease because it compels the analyst to relinquish a position of intellectual exclusivity.

Scholars such as Nancy Katherine Hayles (1999; 2017) have argued precisely for the need to conceptualise forms of distributed cognition between humans and computational systems without implying the disappearance of critical thought. The question may therefore not be whether AI will replace the researcher, but rather how it might expand possibilities for analysis, data integration, archival access, and the identification of cultural patterns that remain invisible to individual observation. The real danger may lie not in the technology itself, but in its uncritical application.

At the same time, thinkers such as Byung-Chul Han (2014) help us to understand the economic and labour-related dimensions of this transformation. The logic of efficiency, productivity, and acceleration now permeates both artistic and academic practice. AI promises to reduce costs, accelerate processes, and maximise outcomes, yet this promise also carries the risk of increasing the precariousness of creative professions and encouraging aesthetic homogenisation. As algorithms operate according to dominant trends and statistical regularities, creative production risks becoming increasingly predictable. Originality may be reduced to little more than an efficient recombination of what already exists.

Nevertheless, it would be equally reductive to regard Artificial Intelligence solely as a threat. Many filmmakers, artists, and researchers have begun to explore AI as a critical, performative, and experimental device, employing it not to replace human imagination but to question its limits. In this sense, the contemporary challenge is perhaps not to decide between accepting or rejecting the technology, but rather to determine the kind of relationship we wish to establish with it. The central question therefore shifts from “Can AI make cinema?” to “What kind of cinema emerges when creation becomes a negotiated process between humans and algorithmic systems?”

Ultimately, the current debate surrounding Artificial Intelligence in cinema reflects a broader concern about the contemporary human condition. The discussion is not merely about machines, but about the value we attribute to error, experience, memory, presence, and subjectivity. At a moment when technology appears increasingly capable of generating images, narratives, and emotions autonomously, cinema once again confronts us with its oldest question: what does it ultimately mean to look at the human through images?

References

- Baudrillard, J. (1991) [1981]. *Simulacra and Simulation* (S. F. Glaser, Trans.). University of Michigan Press.
- Benjamin, W. (2008) [1936]. *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction*. Penguin Books.
- Han, B.-C. (2014) [2010]. *The Burnout Society* (E. Butler, Trans.). Stanford University Press.
- Hayles, N. K. (1999). *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. University of Chicago Press.
- Hayles, N. K. (2017). *Unthought: The Power of the Cognitive Nonconscious*. University of Chicago Press.